



EMÍLIO MOURA

O PLATONISMO DIFUSO DE EMÍLIO MOURA

*Fábio Lucas**

RESUMO

O estudo visa a explorar reminiscências platônicas no lirismo de Emílio Moura. Acentua o tema do mundo sensível oposto ao intelectual, o da amada ausente e, também, o da amada projetada na idealização da beleza, da perfeição e da plenitude. O poeta, por vezes, tenta desconstruir o mito do amor, mas o reestrutura na linha do Belo absoluto. Usa o símbolo da “rosa” como expressão da beleza e da fragilidade.

Palavras-chave: Amada ausente; Amor platônico; Conhecimento sensível; Conhecimento afetivo; Beleza; Totalidade.

O poeta Emílio Moura fundou uma linguagem autárquica, seu estilo, no qual se instalaram os mitos pessoais e secretos, muitas vezes de difícil revelação. Mas acima dos tópicos existenciais sobrenada uma indagação mutilante do ser, ancorada na linha platônica: o amor como uma iluminação distante, inatingível. Na medula psicológica do poeta repousa o apelo da mulher amada e a presumida certeza de sua presença inalcançável.

Tentaremos articular uma espécie de mediação referencial para melhor interpretação dos poemas, já que trazemos à colação vagas reminiscências platônicas, que se confirmam passo a passo na criação de Emílio Moura.

Recordemos propalado trecho de **Phedro**:

Por outro lado, é necessário refletir que, em cada um de nós existem duas formas de princípios e de motivos de ação, que seguimos até onde nos podem levar: um, inato, é o desejo dos prazeres; outro, que é um modo de ver adquirido, aspira ao melhor. Ora, essas duas tendências estão em nós por vezes concordantes, mas

* Professor e crítico literário.

acontece também que estejam em luta, e é porventura este que domina, mas outras vezes será aquele. Isto posto, quando é um modo de ver que conduz ao melhor pela razão e domina, essa dominação se chama temperança; quando é o desejo que desrazoadamente leva aos prazeres e governa em nós, eis o governo ao qual se deu o nome de desmedida. (Platão, 1978, p. 8)

Assim, a forma instintiva do desejo conduz à “desmedida”, enquanto a sua forma racional e razoável exprime a “temperança”, que na lição de Platão em **A República**, é uma das virtudes fundamentais do indivíduo e do Estado.

Fora do amor corporal, as belas almas, pelo amor intelectual, buscam o autêntico. Desse modo, a alma desenvolve um parentesco com a eternidade, pois se torna um intermediário entre o mundo sensível e o mundo inteligível (mundo das idéias, eterno). Como disse Platão em **O banquete** (em **O simpósio**, diríamos, em melhor tradução):

“Assim, pois, de acordo com esse raciocínio, o objeto do amor é também, forçosamente, a imortalidade”. No comentário de Martine Collin, “o homem amador dos belos corpos se elevará progressivamente até o amor do Belo absoluto; esse movimento engaja o homem na rota do saber” (Platão, 1978, p. 9).

Há, em Emílio Moura, duplo itinerário: o que parte da fonte existencial e contingente projeta-se no território mítico. E, inversamente, assistimos, em alguns poemas, a tentativa de desmontar, desconstruir o mito e volver ao cenário existencial, de onde se originou a tensão temática erigida em manancial de expressão lírica. Em libido discursiva.

Com efeito, podem-se ler muitos poemas de Emílio Moura como expansão do sintagma minimal: “eu te amo”, ou de outra matriz especulativa: “onde estás que não te vejo, ou não te alcanço?”.

O mito da mulher amada tenta corporificar-se num símbolo subtraído à natureza: a rosa, tantas vezes trazida à imaginação poética. É que ali se mesclam a beleza e a fragilidade. Tomando-se o olhar como compositor do significado, a contemplação da rosa remete à da mulher amada. Mas de ambas o poeta não retém a corporificação biológica ou vegetal, mas se apega a sua imagem, sombra etérea da que teve existência real:

Subitamente, o milagre.
Rútila nasce: é a rosa.
A que sonha. A que traz,
pura, mágica, a presença
de tantas outras não vistas.
Pensadas? Talvez sentidas.
Súbito brilha e transcende,
Sendo rosa, a própria idéia de rosa.
(Moura, 1969, p. 348)

Nos rituais religiosos despontam remissões assemelhadas, dentro do panorama de mediações referenciais. Mas, no caso de Emílio Moura, o laicato predomina. A sacralização do objeto amado não se efetua mediante o aparelho religioso como é tão freqüente em Murilo Mendes ou Jorge de Lima, mas por intermédio da natureza, naquilo que esta oferece de mais refinado encantamento.

A politização máxima do texto em Emílio Moura apóia-se na superposição de duplos ou triplos sentidos. Fratura existencial e indeterminação especulativa. Na categoria “tempo” opera-se a fragilidade do amante e do artista; na categoria “eternidade” verifica-se a busca da transcendência temática, de que a linguagem poética é tentativa de registro ou de resgate. Daí as perguntas, não como situação dilemática, mas como questionamento filosófico.

O poeta se abstém freqüentemente da acomodação com o mundo real, embora deixe escapar, em versos ou cantos nostálgicos, as reminiscências da infância ou as lembranças paradisíacas da cidade natal. Neste caso se dá o embaralhamento da indagação especulativa com a mediação referencial. Mas as iluminações poéticas (epifanias), desacompanhadas do dado histórico, são freqüentes em Emílio Moura. Como a transcendência nele supera a existência, diríamos que a poesia de Emílio Moura explora mais o sublime do que o trágico.

Isto não quer dizer que o poeta se distancie das dores do mundo, pois a sua poesia se comporta como uma exclamação estilizada. Produz-se em *ethos* sobremodo afim da contemplação intemporal: o poeta abstrai o tempo profano, existencial, relacionado à vida: pessoal e aos problemas cotidianos, bem como o temor da morte, de cuja consciência e perspectiva já nasce marcado. Apega-se ao resíduo mais profundo, à irreversibilidade do tempo e à inseparável contingência do homem, mas, principalmente, contempla o mundo intemporal das formas e a projeção dos desejos num quadro divino hipostasiado.

Da imaterialidade do mundo, o poeta sutilmente retira os poderes do sonho, uma espécie de celebração órfica. E do sonho extrai a pessoa amada, reinventada. É o que nos diz o poema “Contradição”:

Que sonho sonho
Neste degredo?
É tarde? É cedo?
É sonho o sonho?

Só és, sonhada?
Nunca exististe?
Ou nada existe?
ou tudo é nada?

Então, por que este
deslumbramento
de que nasceste?

Por que à acesa
viva incerteza
te reinvento?
(Moura, 1969, p. 157)

Mulher, sonho e mito formam a tríade energética da composição imagética de Emílio Moura. Mas dentro de uma comutatividade ostensiva. Assim, a mulher, por exemplo, pode ser mito e sonho; o mito pode traduzir o sonho e a mulher; e, finalmente, o sonho pode representar o mito e a mulher.

As derivações simbólicas ilustram, por efeito das analogias referenciais, o mesmo campo semântico. Assim a rosa, transformada em imagem da mulher, ou pura consubstanciadora da beleza. E o sonho metamorfoseado em bem ilusório quimera ou mera fantasmagoria da pessoa amada, simulacro do real.

A imaterialidade da mulher leva o poeta a uma equação insolúvel, travestida em objeto perdido. Ou a uma aspiração transcendente, para além do mundo real “fora do tempo e do espaço”, como se vê no poema “Aspiração”:

Quero sentir que te reencontro,
nua e única,
fora do tempo e do espaço.
(Moura, 1969, p. 134)

Ou, como em “Quantas vezes”:

Estás em mim e fora de mim.
És mito e realidade, forma nítida e sombra esquiava.
Só em sonho é que foste minha;
Só nos momentos de solidão absoluta é que realmente te encontro.
(Moura, 1969, p. 130)

Daí o lado elegíaco das celebrações amorosas, pois, no mais das vezes, referem-se a um bem ausente ou perdido. A fixação do desejo do poeta se dá na musa imaginada que surge no poema “Momento”: “Todas as coisas estão em ti”.

O próprio reencontro da amada é concebido como em situação de plenitude, todavia fora das dimensões conhecidas:

Quero sentir que te reencontro
nua e única,
fora do tempo e do espaço.

Enquanto a musa é desejada “nua e única”, o eu do poeta não se apresenta compacto. Antes, se fragmenta como freqüentemente se exprime o poeta:

Tão pequeno
Tão fragmento de sombra,
tão sombra, já não sou nada.
(Moura, 1969, p. 215)

O poema se questiona sempre entre o mundo vivido e sonhado:

De repente volta
O que nem sei se foi
sonhado ou vivido.
(Moura, 1969, p. 204)

Mais filosoficamente posiciona-se diante do imponderável da sua própria condição:

Onde estou, não sou.
Nunca sou totalmente.
E é um ficar, sem deter-me, e um partir, sem levar-me.
(Moura, 1969, p. 278)

O estado perfeito de imponderabilidade, de absoluta ausência de motivação desejante, o retrato da situação primal projetam-se no pequeno poema significativamente intitulado “Naufrágio”:

Meu grito não chega nunca
lá onde a aurora é possível.
A vida que nunca tive
Me sustenta sobre as águas
(Moura, 1969, p. 306)

Emílio Moura utiliza-se das recordações da infância ou da impulsão amorosa como condicionantes do prazer da criação. Daí o seu texto estar povoado de traços mnésicos. O mais se concentra na construção mental do mundo e na subtração do real:

O tempo sonha que é espaço.
O espaço sonha que é tempo,
a realidade se compenetra de sua irreabilidade.
(Moura, 1969, p. 281)

Entretanto, nem tudo se encerra no quadro elegíaco ou na constatação da impotência humana. Há vislumbres de esperança em alegres momentos, a crença no poder da magia poética:

Entretanto, prossegues. Calado, mas não indiferente, prossegues.
Teus ouvidos estão atentos, teu coração aberto,
falas, andas, trabalhas, ainda tentas teu jogo,
e, humildemente, inventas
uma nova aurora.
(Moura, 1969, p. 276)

Sob esse ponto de vista, talvez o mais bem sucedido poema seja “Permanência da Poesia”, o canto órfico de Emílio Moura, no qual se lê:

A beleza é eterna.
A poesia é eterna.
A liberdade é eterna.
Elas subsistem, apesar de tudo.
(Moura, 1969, p. 169)

Entre versos livres e versos medidos, a poesia de Emílio Moura se impõe como das mais expressivas do modernismo brasileiro. Ele não padeceu das mutilações que muitos cometeram na busca da fama e da glória. Não fez concessões à moda, não se entregou ao metagrafismo prosaico, que, ao fugir da conformação versificada, assumia o risco do anedótico.

Produziu um modernismo repousante no apuro formal, avesso a exageradas desorganizações do discurso. Mas repôs no âmbito da poesia a indagação metafísica, aceitou o desafio de exprimir o inefável e se deslocou para o campo da transcendência. Tornou-se profundo no momento em que muitos companheiros brilhavam na superfície, cultivando o fácil. Reintroduziu o amor na esfera intermediária entre o eterno e o perecível. Reafirmou, de certo modo, o dizer de Platão, em *O simpósio*, aquela noção de que o amor é intermediário entre o que é mortal e o que é imortal.

Em Emílio Moura, a condição da eternidade inscreve-se no passado remoto e na infância. O resto é matéria de sonho. Conforme diz no “Soneto dedicado a Paulo Mendes Campos”, “Este instante sou eu feito de sonho. /Sou o sonho em si mesmo.”

Veja-se como, no belo poema “Congonhas do Campo”, o registro da eternidade se comunica ao “retorno da origem”. O poema, de certo modo, consegue o momento eterno, algo bergsonianiano, pois depende da representação emocional do instante, da duração íntima, captação intuitiva:

O silêncio da tarde é seu limite.
Os profetas sonham,
o adro rescende a eternidade,
a alma recua.
Tudo retorna à sua sombra.
Tudo é eterno.
(Moura, 1969, p. 256)

Melhor registro daquela sensação está no poema “Eu, no tempo”, no qual o eu poético observa que “O universo pára, de repente, à espera de minha infância.” O fecho do poema é decisivo:

Jogo as máscaras fora e me identifico comigo
Que esperava há séculos.
(Moura, 1969, p. 282)

Não resta dúvida que Emílio Moura sonha a fantasia do reencontro com a idéia de si, retirada da aurora do ser.

ABSTRACT

The work aims to exploit platonic concepts in Emílio Moura's lyric production. It tries to explain the opposition between sensitive feelings and emotional unspeakable knowledge of reality. It stresses the absent-love myth as well as love subjects applied to Beauty, perfection and wholeness. The poet tries to deconstruct the love myth but he often endeavours to restructure it as representing Beauty. He employs "rose" as a symbol of Beauty and frailty applied to women.

Key words: Absent-love; Platonism; Sensitive feelings; Emotional knowledge; Beauty; Wholeness.

Referências bibliográficas

COLLIN, Martine. *Désire et raison*. Paris: Hatier, 1978.

PLATON, Phèdre (citado por Martine Collin). *Désir et raison*. Paris: Hatier, 1978.

MOURA, Emílio. *Itinerário poético*. Belo Horizonte: Ed. do Autor, 1969.